

(DES)PROFISSIONALIZAÇÃO OU INOVAÇÃO NO TRABALHO DOCENTE?
PERSPECTIVAS SOBRE CULTURAS DIGITAIS NA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM TEMPOS DE PANDEMIA¹

¿(DES)PROFESIONALIZACIÓN O INNOVACIÓN EN LA LABOR DOCENTE?
PERSPECTIVAS SOBRE CULTURAS DIGITALES EN ESTUDIOS DE POSGRADO
STRICTO SENSU EN TIEMPOS DE PANDEMIA

(DE)PROFESSIONALIZATION OR INNOVATION IN TEACHING WORK?
PERSPECTIVES ON DIGITAL CULTURES IN *STRICTO SENSU* GRADUATE
STUDIES IN TIMES OF PANDEMICS



Maria Cristina L. PANIAGO²
e-mail: cristina@ucdb.com



Gustavo MOURA³
e-mail: gustavo.dacunhamoura@ucalgary.ca



Bruno de Oliveira JAYME⁴
e-mail: bruno.jayme@umanitoba.ca



Cristina DEVECCHI⁵
e-mail: cristina.devecchi@northampton.ac.uk

Como referenciar este artigo:

PANIAGO, M. C. L.; MOURA, G.; JAYME, B. O.; DEVECCHI, C. (Des)profissionalização ou inovação no trabalho docente? Perspectivas sobre culturas digitais na pós-graduação *stricto sensu* em tempos de pandemia. **Rev. Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 14, n. esp. 1, e024011, 2024. e-ISSN: 2237-258X. DOI: 10.30612/eduf.v14iesp.1.19689



| Submetido em: 10/09/2024
| Revisões requeridas em: 15/11/2024
| Aprovado em: 17/12/2024
| Publicado em: 30/12/2024

Editora: Profa. Dra. Alessandra Cristina Furtado
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Parte desta pesquisa foi apresentada oralmente no I *Congreso Internacional em Interculturalidad, INCLUción Y Equidad en Educación* (INCLUYE 2021), Salamanca, Espanha.

² Doutora e Pós-Doutora em Educação. Professora e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado e Doutorado na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

⁴ Doutorando em Estudos Interdisciplinares (Educação, Artes Visuais e Geografia Cultural) pela Universidade de Victoria, Canadá.

⁵ Doutora em *Language and Literature* pela Universidade de Cambridge. Tem experiência na área de Educação.

RESUMO: Este artigo aborda como membros de universidades percebem a cultura digital e o trabalho docente. A cultura digital é vista como o conjunto de conhecimentos, valores e práticas em redes digitais, que impactam tanto o mundo digital quanto o material. A pesquisa, qualitativa e narrativa, explora as visões de participantes de universidades no Brasil, Canadá e Reino Unido sobre cultura digital, o uso da tecnologia no ensino e a inovação educacional. Os resultados mostram que, desde a pandemia de COVID-19, o papel das TICs e da cultura digital se tornou mais relevante. Além disso, observou-se que a inovação pode ir além das tecnologias, refletindo nas práticas pedagógicas e na empatia. Conclui-se que é essencial problematizar a cultura digital nos contextos educacionais, promovendo debates sobre letramento digital, ética, vigilância, inclusão e a (des)profissionalização dos educadores.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura digital. (Des)profissionalização. Inovação.

RESUMEN: Este artículo analiza cómo percibe el personal universitario la cultura digital y la labor docente. La cultura digital se considera el conjunto de conocimientos, valores y prácticas de las redes digitales, que repercuten tanto en el mundo digital como en el material. La investigación, cualitativa y narrativa, explora las opiniones de participantes de universidades de Brasil, Canadá y Reino Unido sobre la cultura digital, el uso de la tecnología en la enseñanza y la innovación educativa. Los resultados muestran que, desde la pandemia del COVID-19, el papel de las TIC y de la cultura digital ha adquirido mayor relevancia. Además, se observó que la innovación puede ir más allá de las tecnologías, reflexionando sobre las prácticas pedagógicas y la empatía. La conclusión es que es esencial problematizar la cultura digital en contextos educativos, promoviendo debates sobre alfabetización digital, ética, vigilancia, inclusión y (des)profesionalización de los educadores.

PALABRAS CLAVES: Cultura digital. (Des)profesionalización. Innovación.

ABSTRACT: This article looks at how university staff perceive digital culture and teaching work. Digital culture is seen as the set of knowledge, values and practices in digital networks, which impact both the digital and material worlds. The research, which is qualitative and narrative, explores the views of participants from universities in Brazil, Canada and the UK on digital culture, the use of technology in teaching and educational innovation. The results show that, since the COVID-19 pandemic, the role of ICTs and digital culture has become more

relevant. In addition, it was observed that innovation can go beyond technologies, reflecting on pedagogical practices and empathy. The conclusion is that it is essential to problematize digital culture in educational contexts, promoting debates on digital literacy, ethics, vigilance, inclusion and the (un)professionalization of educators.

KEYWORDS: *Digital culture. (De)professionalization. Innovation.*

Introdução

Este artigo, recorte de uma pesquisa maior sobre culturas digitais e práticas pedagógicas em três países, tem como objetivo discutir o trabalho docente no contexto da pandemia com foco na desprofissionalização que se dá pela intensificação e desqualificação nos fazeres docentes. Envolvendo pesquisadores do Brasil, Canadá e Reino Unido, este trabalho qualitativo usou entrevistas para compreender a cultura digital das três comunidades educativas.

Como enfrentamos tempos de pandemia, mesmo não prevendo no projeto de pesquisa, tais questões emergiram e implicaram de grande maneira nos dados produzidos. Nesse sentido, problematizamos aqui sobre o trabalho docente, tema recorrente nos diálogos com os participantes da pesquisa, nomeados como P para Professor, E para Estudante e GF para gestores/funcionários acrescidos de um número e do nome do país de origem, para diferenciá-los, mantendo seu anonimato. O projeto de pesquisa foi submetido ao comitê de ética e teve sua aprovação para o desenvolvimento do trabalho. Além disso, é uma pesquisa subsidiada pelo edital bolsa produtividade CNPq e pela Confap/Reino Unido/Fundect/MS.

Iniciamos com a discussão teórico-metodológica, explicando a perspectiva pós-crítica utilizada. Em seguida, abordamos as perspectivas dos participantes acerca das culturas digitais e discutimos como elas dialogam com as teorias propostas no capítulo. Subsequentemente, trazemos questões sobre o papel das tecnologias digitais dentro desses espaços formativos. Por fim, uma análise destas práticas e o questionamento: desprofissionalização ou inovação no trabalho docente?

Por onde andamos: perspectiva teórico-metodológico pós-crítica

Comprendemos e desenvolvemos nossa pesquisa acreditando que:

[...] construímos nossos modos de pesquisar movimentando-nos de várias maneiras: para lá e para cá, de um lado para o outro, dos lados para o centro, fazendo contornos, curvas, afastando-nos e aproximando-nos. Afastamo-nos daquilo que é rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar nosso objeto. Aproximamo-nos daqueles pensamentos que nos movem, colocam em xeque nossas interrogações. Movimentamo-nos, em síntese, para multiplicar sentidos, formas e lutas (Meyer; Paraíso, 2014, p. 18-19).

Nossas entrevistas pautaram-se em diálogos entre os participantes da pesquisa, sujeitos pertencentes ao trabalho de investigação. Alguns poderiam questionar sobre o rigor da pesquisa quando se lida com tal movimentação e responderíamos que, primeiro, faz-se necessário definir de que rigor estamos falando, pois há diferentes formas de concebê-lo (Charlot, 2006).

Acreditamos que fazer pesquisa no campo da educação é abrir espaço para diferentes conhecimentos, espaços, práticas e políticas oriundas de diferentes matizes, portanto saberes que “[...] se cruzam, se interpelam e, por vezes, se fecundam, de um lado, conhecimentos, conceitos e métodos originários de campos disciplinares múltiplos, e, de outro lado, saberes, práticas, fins éticos e políticos” (Charlot, 2006, p. 9).

Embora os pesquisadores estejam em três países diferentes, portanto, com comunidades educativas diferentes, há uma convergência nas temáticas e nos objetivos delineados pela pesquisa, comungando as entrevistas realizadas como estratégias de diálogos, negociação, entre pesquisadores e pesquisados, considerando as possibilidades de múltiplas e diferentes visões de mundo, em especial, da cultura digital em contexto de pós-graduação *stricto sensu*.

Assumimos a postura de pesquisadores implicados na pesquisa, com caráter reflexivo, problematizando e retomando as questões que emergem ao debruçarmos nos dados, experimentando e assumindo diferentes posições “[...] de modo que a objetividade da experiência se torna indissociável da subjetividade do experimentador e dos interlocutores cada vez que a mesma é colocada em análise” (Peruffo *et al.*, 2020, p. 228).

Como estamos lidando com fenômenos sociais, cremos que:

[...] apresentam diversas dimensões e interfaces e sua adequada abordagem requer, com frequência, a integração de aspectos subjetivos com determinantes estruturais ou contextuais mais abrangentes. Desta forma, podem ser interligadas perspectivas macro e microsociais de forma

complementar, assim como, incorporar procedimentos mistos nas etapas da coleta, processamento ou análise dos dados (Santos, 2009, p. 130).

Buscamos compreender os dados de maneira a superar perspectivas reducionistas em termos técnicos e operacionais, valorizando as diferenças, elucidando motivações, ações e interações intersubjetivas dos atores sociais envolvidos na pesquisa. Os contextos sociais, políticos e históricos integram as expressões discursivas dos participantes e carecem de ser consideradas quando se acredita em complexidades e multidimensionalidades, para além de um único modo de conhecer e de compreender as diferentes realidades.

Culturas digitais: conceitos e perspectivas

Antes de trabalharmos com o conceito de cultura digital, assimilamos cultura como palavra-chave para desvendar as diferenças de identidade, compreender o comportamento social e desconstruir privilégios sociais (Thorne; Sauro; Smith, 2015). Além disso, vemos a cultura como fundamental para entender o que educadores desenvolvem para conhecer, analisar, reconhecer, fazer, ver e preparar outros educadores para uma sociedade local e global (Kumaravadivelu, 2012; Moura, 2021). Para Costa (2021), por exemplo, a cultura engloba modos de vida, direitos humanos, costumes e crenças, tanto quanto o papel político no desenvolvimento de seus vários campos (educação, ciência, artes, comunicação etc.).

Essas ideias sobre cultura complementam as características da cultura digital quando se trata do conjunto de valores, conhecimentos e atitudes (Lévy, 1996) de membros que resignificam e combinam múltiplas inteligências por meio de “colaboração, autoria e experimentação” (Rubim; Rubim, 2017, p. 219). Estas três características - colaborativa, autoral e experimental – fazem parte de uma cultura desmaterializada pelo virtual, sem espaço ou território, e ubíqua (Santaella, 2013) mas ainda assim com atualizações contínuas que facilitam e reconfiguram comunicação e sociabilidade (Costa, 2021; Rubim; Rubim, 2017). Para um dos participantes, por exemplo:

[...] Culturas digitais significam como as pessoas interagem umas com as outras? É sobre interações humanas com tecnologia digital. Uh, não necessariamente cada indivíduo interagindo com um dispositivo digital, mas também como interagimos uns com os outros. É por isso que é cultura, certo? Via ou através dos dispositivos digitais. Nós temos essa cultura, que é

realmente sobre regras e padrões e comportamentos que são estabelecidos através das limitações e possibilidades desses dispositivos e isso, é uma mediação de como interagimos uns com os outros (P2, Canadá, nossa tradução).

Quando pensamos nas tentativas e possibilidades de interações (mais) humanas, uma outra característica presente na cultura digital trata-se das redes (Costa, 2021; Lévy, 1996; Rubim; Rubim, 2017). As redes têm o propósito de intensificar relações interpessoais e reconstruir dimensões sociais, “[...] afetando a economia, o poder, a cultura, e a experiência na atualidade” (Rubim; Rubim, 2017, p. 219). Além disso, essas novas redes digitais “[...] não foram pensadas apenas como extensão da cultura já existente, mas como um potente componente de mudança cultural” (Rubim; Rubim, 2017, p. 230). Pensando nisso, a participante abaixo reflete nas diferentes noções de leitura, comunicação, e relações interpessoais, quando inserida na cultura digital, sua filha renegocia padrões e desafia o papel escolar em meio desta construção de novas redes.

[...] Tenho algo a dizer aí, mas não é da minha percepção como professor. Então, eu tenho uma filha, [...] nessa cultura. E você sabe, eu pesquisei muito e os adultos são muito negativos sobre isso. Eles pensam que uma criança em uma cultura online, eles estão pegando tráfico sexual, ou algo assim [...] eu aprendi [...] ela realmente lê muito, certo? De toda essa comunicação. Dois, a tremenda quantidade de comunicação que ela aprende, habilidades de comunicação, brigas, disputas, experimentando com sua personalidade, conhecendo pessoas de diferentes culturas, mantendo e construindo amizades, e então como a escola compete com isso? (P1, Canadá, nossa tradução).

Os exemplos da professora canadense, sobre seus pontos de vista a respeito de sua filha ter acesso a diferentes leituras, desenvolver habilidades de comunicação e personalidade, e construir ou manter relacionamentos interpessoais e interculturais, caracterizam os fluxos culturais digitais (Canclini, 2018). Para o autor, os fluxos culturais estimulados pelo ato de estar presente na cultura digital se caracterizam pela fluidez, instabilidade e dinamicidade existentes nessas relações. No entanto, estes fluxos promovidos pela cultura digital devem ser encarados criticamente, afinal “algumas [propriedades de apropriação desta cultura] podem estar contaminadas por inovadores modos de exploração e de controle” (Rubim; Rubim, 2017, p. 220).

É indiscutível a presença de um mercado global que enfatiza a desmaterialização e transferência de informações do analógico para o digital (Canclini, 2018; Costa, 2021; Rubim; Rubim, 2017). Mas, a partir da perspectiva de ideias plurais (Batista; Pesce, 2018), o campo da

cultura digital pode indicar uma democratização de poder não condizente com a realidade contextual do indivíduo, e maximizar desigualdades (Batista; Pesce, 2018; Costa, 2021; Rubim; Rubim, 2017). Pensando sobre o poder, o gestor de uma universidade canadense amplia a perspectiva acerca da cultura digital quando reflete em questões de conexão e empatia com o outro. Ele diz:

[...] Estou muito interessado no poder das possibilidades dentro da tecnologia para promover conexão e empatia, particularmente [...] estou muito preocupado em encontrar maneiras de usar, uh, desenvolvimentos em tecnologia, dentro e fora da sala de aula, não apenas para conectar estudantes, uh, a corpos de conhecimento, mas para conectar a universidade à comunidade mais ampla (GF1, Canadá, nossa tradução).

Nas palavras de Costa (2021, p. 271), o “vital e virtual vem se amalgamando em uma totalidade cada vez mais complexa, pondo em evidência, em diversos momentos, a frustração de nossas utopias iniciais de uma internet livre, aberta e colaborativa”. Por isso, tendo em vista a internet como agente principal na construção das redes de colaboração na cultura digital, educadores são convidados, por exemplo, a repensar seu papel na contribuição para a inclusão social numa cultura modificada (Batista; Pesce, 2018; Rubim; Rubim, 2017). Entre o que é realidade virtual e física, onde as nossas vivências são desprendidas de presença e se situam em fluxos globais de espaços geográficos transgredidos (Rubim; Rubim, 2017), a professora abaixo comenta que:

[...] para mim, a cultura digital entra nisso com essa especificidade de que certos dispositivos técnicos, como computadores, “apps”, programas, internet, vêm a se colocar na nossa vida e mais que intermediar as nossas relações, mas estabelecer um certo modo de se viver nesse mundo. Isso interfere não só na minha prática de trabalho, mas no modo como eu de alguma maneira vou pensar esse mundo digital, entendendo que eu não considero que esse mundo digital é um mundo que vai caber todo mundo e que está cabendo todo mundo. Num certo sentido, alguns processos de iniquidades sociais se asseveram na medida em que essa cultura digital vem a se colocar como condição quase incontornável para a gente viver nossa vida contemporânea (P1, Brasil).

Ponderando o papel das tecnologias digitais e suas redes, a colocação da participante acima introduz o que Rubim e Rubim (2017, p. 214) denominam de sociotecnologia, “pois a tecnologia sempre está marcada por sua configuração e uso social”. Referindo-nos às tecnologias digitais, nesse contexto, entendemos que habitualmente, “estas são assumidas em

sua vertente mais instrumental e não em angulação que permita antever novas modalidades culturais” (Rubim; Rubim, 2017, p. 224). Ou seja, no contexto de pós-graduação como a participante aponta, perceber-se inserido numa cultura digital reflete mais do que o fato de instituições estarem estruturalmente preparadas com equipamentos (computadores, *WiFi*, *apps* etc.).

Ao pensarmos nas universidades inseridas na cultura digital, elas realmente contam com uma estrutura digital que transforma os espaços físicos das salas de aulas. O gestor britânico, por exemplo, expressa sua curiosidade em presenciar como as instituições de ensino superior irão integrar a virtualidade, transmissão e outros recursos digitais pedagogicamente quando diz:

[...] A meu ver, a tecnologia e a transformação digital fornecerão novas oportunidades para as universidades se reinventarem e [...] a ideia de que temos um campus inteligente [...] que é tão rico em tecnologia que pode praticamente funcionar sozinho em termos de consumo de energia. Posso imaginar uma universidade onde, no futuro, você terá aprendizado de máquina e inteligência artificial embutidos nos sistemas operacionais. [...] Em termos de ensino e aprendizagem, estou interessado em como a tecnologia permitirá que as universidades sejam ainda mais criativas com a pedagogia na entrega de estilos de ensino e aprendizagem que envolvem uma combinação de vídeo, realidade virtual, palestras transmitidas com qualidade de TV, filmado em telas verdes com animações, como a indústria de jogos (GF1, Reino Unido, nossa tradução).

As tecnologias educacionais, principalmente em estudos sobre formação de professores, suportam teorias e pedagogias mais plurais e inovadoras (Mouza *et al.*, 2017; Starkey, 2020). No entanto, a questão se torna mais problemática quando (re)pensamos o papel dessas tecnologias nas universidades, pois elas podem recriar padrões sociais que reforçam injustiças sociais e estruturais (Batista; Pesce, 2018; Costa, 2021; Lévy, 1996; Rubim; Rubim, 2017), o que é abordado a seguir.

Tecnologias digitais nas práticas educacionais em tempos de pandemia

Esta pesquisa aborda também questões relacionadas às tecnologias digitais, que em contexto da pandemia de COVID-19 (Darling-Hammond *et al.*, 2020) têm sido realçadas. Nos últimos meses, programas universitários, incluindo a pós-graduação, transferiram suas atividades para o meio remoto para prevenir o progresso e contágio do novo coronavírus. Nos

ambientes de aulas e atividades virtuais, administradores, professores, estudantes, e indivíduos envolvidos em universidades se viram diante de desafios tecnológicos e de acesso, tal como êxitos e transformações pedagógicas e administrativas (Darling-Hammond *et al.*, 2020).

Dentre os desafios, um pós-graduando de uma universidade canadense, por exemplo, divide a sobrecarga e a falta de preparo que tinha em relação a utilizar ferramentas tecnológicas e digitais em seu contexto educativo:

[...] ela [a tecnologia] me forçou a aprender muito rápido. Eu só tive algumas horas para aprender como usar o Google em sala de aula. Não podia ter a semana inteira, tinha que ser um dia para aprender a fazer. E passei horas e horas, noites tentando recuperar o atraso. [...], eu nunca nem imaginei na vida inteira, comprar aquelas luminárias né, aquelas luminárias ou anéis de luz. Aqueles, nunca na minha imaginação, fazer vídeos? [...] É assim, estou correndo 10 quilômetros e de repente me falaram que você teria que correr uma maratona e só tinha um dia para se preparar (E1, Canadá, nossa tradução).

Voltando ao Reino Unido, professores apontam outra realidade mais positiva, onde expressam o valor das atividades *on-line*, que contribuem para um decréscimo de ansiedade na sala de aula:

[...] há algo realmente interessante acontecendo quando você tem alunos que estão em diferentes partes do país, ou do mundo, todos participando simultaneamente. Esse é um benefício real. [...] Acho que fazer a transição do ensino analógico presencial para o ensino digital online exigiu que eu olhasse com muito cuidado todos os materiais de ensino que usei, todas as avaliações que usei. Realmente me levou a dar uma olhada em como tenho feito as coisas [...] até alguns anos atrás, tive sessões de palestras que permaneceram inalteradas por décadas. Tive que reformulá-los drasticamente. Tem sido um trabalho árduo, mas na verdade muito produtivo, daí a qualidade deles [...] eu tive que repensar radicalmente a melhor maneira de entregar isso [...] acho que o ensino presencial causa bastante ansiedade, acho é bastante desafiador [...] quando estou ensinando online, acho um pouco menos indutor de ansiedade e me sinto um pouco mais relaxado e capaz (GF2, Reino Unido, nossa tradução).

De acordo com o exemplo acima, há um benefício dentro das aulas online, já que alunas e alunos podem atender as aulas independentemente de suas localizações geográficas. Além disso, segundo o participante GF2, possibilita ressignificar as práticas docentes, indo ao

encontro do que P1 levanta em relação a ter mais flexibilidade, engajamento, velocidade de comunicação.

[...] meu número um é flexibilidade. Acho que dá uma chance para a gente [...] ajuda a atender as necessidades dos alunos, [...] o engajamento, [...] a rapidez. [...], Mas existem vários motivos pelos quais os alunos podem se beneficiar com a chance de revisitar o material, revisitar um compromisso às vezes. E você pode compartilhar com aplicativos e pessoas o que é brilhante, e eu sei os prós e os contras disso em termos de participação, mas acho que o fato de você poder [...] em uma sessão é maravilhoso. Eu realmente gosto do fato de que você pode estender e aumentar algo, criar algo juntos em uma sessão, você pode gravá-lo, colocá-lo em camadas, adicioná-lo (P1, Reino Unido, nossa tradução).

É importante ressaltar aqui que há uma certa romantização no acesso às TICs, já que agendas neoliberais confirmam desigualdades sociais e culturais, onde a própria conexão às redes pode ser limitada por velocidade de conexão, potência das ferramentas e outros fatores socioculturais, tais como: baixa renda, classe social e localização. Assim, essas mesmas agendas neoliberais implementam os novos conhecimentos em diferentes capacidades, e todo esse contexto é utilizado em propagandas para cativar novos alunos pelo equipamento de última geração.

[...] ao longo dos últimos dez anos, tem havido um esforço da minha universidade e de outras universidades para diversificar o leque de recursos que temos à nossa disposição em termos de apresentação de informação aos alunos. Isso é mais um tipo de reforma estrutural íntima, eu acho que no final do dia, inovação para mim sempre significou, você sabe, um tipo de trabalho insuficiente em que o que você está fazendo é abordar componentes estruturais, ou a própria lógica estrutural da instituição por meio do ensino e da prática, da prática de extensão [...] Quando penso em inovação, quero dizer, estou pensando muito em reformar, encontrar uma forma de oferecer às pessoas que encontrem seu próprio caminho através dos requisitos formais do trabalho (GF1, Canadá, nossa tradução).

Considerações finais

Este artigo reforça a necessidade de problematizar a cultura digital nos contextos educacionais, com promoção de espaços de debates críticos sobre temas contemporâneos como letramento digital, ética, vigilância, inclusão digital e (des)profissionalização de educadores.

Podemos abrir espaço para novos debates a partir do que foi apresentado e discutido neste trabalho. Sabemos que a inovação acompanha a cultura digital, mas que ela precisa ser situada, ocorrendo em contextos específicos e desenvolvida de formas não lineares ou hierárquicas. Além disso, a cultura digital desenvolve interrelações colaborativas, nesse caso, envolvendo diversos membros da comunidade educacional na tomada de decisões, e considerando habilidades criativas de resolução de problemas de acordo com as necessidades locais.

O estado atual da educação deveria celebrar a diversidade e a multiplicidade, desafiar as hegemonias e buscar alternativas de interpretação e expressão. Infelizmente, tanto quanto a cultura digital oferece liberdade, individualidade e originalidade, ela também enfatiza a padrões excludentes de ensino e aprendizagem. Estar ciente disso significa considerar a pluralidade de conhecimentos de culturas e pessoas únicas para então desmistificarmos o que entendemos por aprendizagem em cultura digital hoje.

Além disso, devemos lembrar o impacto que a pandemia de COVID-19 teve em nossas vidas, inclusive na educação, escancarou as desigualdades existentes em relação ao acesso às tecnologias, e as condições necessárias para ensinar e aprender com qualidade e sustentabilidade. Questionamos o quanto sabemos sobre tecnologias no sentido de que elas podem nos proporcionar melhores espaços e tempos para discussões, aprendizados, trocas e produção de saberes e culturas diferentes.

Questionar o que as tecnologias fizeram em nossas vidas é fundamental, mas ressignificar o que temos feito com elas em nossas rotinas como educadores é importante para caminharmos rumo a uma educação mais democrática. Essas são algumas preocupações que nos assombram. Uma questão relevante dentro desse assunto deve refletir também o preparo dos educadores para lidar com a cultura digital e a tecnologia em sala de aula. Uma perspectiva sobre como os novos educadores estão sendo expostos a essas ferramentas em sua educação mostra que alguns programas de ensino superior têm dado garantidas a cultura digital e as tecnologias como símbolos progressistas, o que não condiz com as ideias propostas neste texto.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, V. P.; PESCE, L. Educação e cibercultura: Formação docente em contexto de resistência. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 23, n. 1, p. 87-110, 2018. DOI: 10.22195/2447-524620182319968. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19968>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- CANCLINI, N. G. La cultura internacional-popular en el siglo XXI. **Ciências Sociais**, Unisinos, v. 54, n. 2, p. 161-166, 2018. DOI: 10.4013/csu.2018.54.2.02. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/csr/article/view/csu.2018.54.2.02>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: Especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 7-18, 2006.
- COSTA, E. Política e culturas digitais. In: RUBIM, A. A. C.; TAVARES, M. (org.) **Cultura e Política no Brasil atual**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. p. 172-344.
- DARLING-HAMMOND, L. *et al.* **Restarting and reinventing school**: Learning in the time of COVID and beyond. Califórnia: Learning Policy Institute, 2020. Disponível em: <http://learningpolicyinstitute.org/product/restarting-reinventing-school-covid>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- KUMARAVADIVELU, B. **Language teacher education for a global society**: a modular model for knowing, analyzing, recognizing, doing, and seeing. Nova York: Routledge, 2012.
- LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: 34, 1996.
- MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2014.
- MOURA, G. **Mapping LGBTQ educators' experiences teaching (in) English internationally**: unpacking identity and advocacy. 2021. 264 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Manitoba, Winnipeg, 2021. Disponível em: <https://mspace.lib.umanitoba.ca/items/d3d753db-91e6-4714-91c3-83de542c4525>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- MOUZA, C. *et al.* Resetting educational technology coursework for pre-service teachers: A computational thinking approach to the development of technological pedagogical content knowledge (TPACK). **Australian Journal of Educational Technology**, v. 33, n. 3, p. 61-76, 2017. DOI: 10.14742/ajet.3521. Disponível em: <https://ajet.org.au/index.php/AJET/article/view/3521>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- PERUFFO, G. A. *et al.* Artesanato da pesquisa: provocações para pensar a constituição de marcadores de rigor atrelados à Pesquisa em Educação. In: LA FARE, M. (org.) **Bastidores da pesquisa em instituições educativas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020. p. 228.

RUBIM, A. A. C.; RUBIM, I. Políticas para culturas digitais no Brasil. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 213-236, 2017. DOI: 10.9771/pcr.v10i1.15128.

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/15128>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, T. S. Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para pesquisa social. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 120-156, 2009. DOI:

10.1590/S1517-45222009000200007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/soc/a/yS4mhVPtxNsMVCPDTZThLpx>. Acesso em: 10 fev. 2024.

STARKEY, L. A review of research exploring teacher preparation for the digital age.

Cambridge Journal of Education, v. 50, n. 1, p. 37-56, 2020.

THORNE, S. L.; SAURO, S.; SMITH, B. Technologies, identities, and expressive activity.

Annual Review of Applied Linguistics, v. 35, p. 215-233, 2015. DOI:

10.1017/S0267190514000257.

CRediT Author Statement

- Reconhecimentos:** Não aplicável.
 - Financiamento:** CNPq Produtividade em Pesquisa (Chamada 2019); FUNDECT Chamada UK ACADEMIES 2022).
 - Conflitos de interesse:** Não aplicável.
 - Aprovação ética:** CAAE: 19392619.7.0000.5162.
 - Disponibilidade de dados e material:** Os dados informados encontram-se disponíveis no artigo.
 - Contribuições dos autores:** todos os autores realizaram contribuições de forma igualitária.
-

Processamento e edição: Editora Ibero-Americana de Educação.

Correção, formatação e normalização.

